



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

FERNANDA NUNES DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA
EM PONCIÁ VICÊNCIO

João Pessoa

2018

FERNANDA NUNES DOS SANTOS

A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM PONCIÁ VICÊNCIO

Trabalho de Conclusão de Curso,
para obtenção do título de graduação
em Português apresentado a
Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Profª Drª Ana Cristina
Marinho Lúcio

Aprovado em: 23 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra Ana Cristina Marinho Lúcio- UFPB

Orientadora

Profª. Ms. Ana Ximenes Gomes - UFPB

Examinadora

Profª. Ms. Aline Cunha de Andrade Silva . - UFPB

Examinadora

Catálogo na Publicação Seção de Catalogação e Classificação

S237r Santos, Fernanda Nunes Dos.

A representação da infância em ponciá vicêncio / Fernanda Nunes Dos Santos. - João Pessoa, 2018.
31 f.

Orientação: Ana Cristina Marinho.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. ponciá vicêncio. 2. infância. 3. memória. 4. identidade. I. Marinho, Ana Cristina. II. Título.

UFPB/CCHLA

Dedico a Deus, por ter me dado o dom da vida e não me deixar fraquejas nos momentos tão difíceis que passei, guiando meus passos para eu continuar seguindo nos caminhos das pedras .

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente á Deus, pois ele é o autor da minha vida e história, sem a permissão dele jamais teria chegada até aqui. Agradeço também a minha mãe Maria Célia dos Santos Silva ao meu pai José Lindolfo Nunes dos Santos, por todo o apoio que eu recebi ao longo do curso, sem vocês nada disso seria possível. A minha irmã Fabiana Nunes dos Santos Souza por acreditar nos meus sonhos. Ao meu esposo Bartolomeu Alves do Nascimento Neto por entender a minha dedicação e por me apoiar em todos os momentos. A minha sogra Severina Selma, por compartilhar comigo este momento e me incentivar a seguir adiante. A todos os meus familiares e amigos que contribuíram com este sonho e aos meus professores que ao longo do curso compartilharam todo seu conhecimento na construção da minha formação humana e acadêmica. Um agradecimento especial a minha orientadora Ana Cristina Marinho, pela dedicação para comigo e a todos que contribuiriam diretamente ou indiretamente para a realização deste trabalho.

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes. (Cora Coralina)

RESUMO

Durante um longo tempo, os negros foram discriminados e tiveram que se submeter a várias ações do branco, tendo em vista o contexto de escravidão. Mediante essa realidade, esse estudo busca analisar, a partir das vozes negras e femininas, a representação da infância na obra “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo, com o intuito de refletir sobre a inexistência da infância no século XVII. O Brasil como um país escravista, após o ano de 1850, era composto por filhos, netos, bisnetos e tetranetos de escravos, principalmente africanos. Desse modo, as crianças são representadas de maneira a parecer com animais domésticos, ao lado da mesa dos senhores, pegando restos de alimentos. A partir desse cenário, foi realizado uma análise por meio do aprofundamento na personagem Ponciá Vicêncio, desde sua infância, até sua vida adulta, já que na obra a representação da infância é realizada a partir da protagonista. Para tanto, partimos do conceito de infância proposto em Ariés (1973) e Araújo Figueiredo (2010), entre outros autores, que fundamentam nossa análise.

Palavra -Chave: Ponciá Vicêncio, infância, memória, identidade.

ABSTRACT

For a long time, blacks were discriminated against and had to undergo various actions of the white, given the context of slavery. Through this reality, this study seeks to analyze, from the black and female voices, the representation of childhood in the work "Ponciá Vicencio", Conceição Evaristo, with the purpose of reflecting on the inexistence of childhood in the twelfth century. Brazil as a slave country, after the year 1850, was composed of children, grandchildren, great-grandchildren and tetranetos of slaves, mainly Africans. In this way the children are represented so as to look like domestic animals, at the table of lords, taking food scraps. From this scenario, an analysis was carried out through the deepening of the character Ponciá Vicencio, from his childhood to his adult life, since in the work the representation of childhood is performed from the protagonist. For that, we start from the concept of childhood proposed in Ariés (1973) and Lima Vieira (2010), among other authors, who base our analysis. In analyzing the work, we perceive the figuration of the social space of childhood in this novel, which ends up using the aestheticization of memory, with the intention of placing the black child on the scene and presenting the child, symbolizing the history of a collective black Brazilian people.

Word -Chave: Ponciá Vicencio, childhood, memory, identity.

Keywords:

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....
1 PONCIÁ VICÊNCIO E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA.....
2 A DESCOBERTA DA INFÂNCIA.....
2.1 A infância da burguesia e da criança negra a partir do século XVII	
2.2 A infância da criança negra no Brasil
3 A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM PONCIÁ VICÊNCIO.....
3.1 Os conflitos da infância à vida adulta de Ponciá	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....
REFERÊNCIAS.....

INTRODUÇÃO

A relação de poder entre os seres humanos pode alterar ou criar um novo discurso e, como cidadãos que somos, acabamos por protelar tal discurso que se materializa e pode ser usado para marginalizar e consolidar estratificações sociais, pois somos sujeitos atuando sobre outros sujeitos. Assim, compreende-se que o poder do discurso está na palavra, pois podemos utilizar a linguagem para manipular, seduzir e intensificar nossas questões ideológicas. Dessa maneira, a literatura afro-brasileira torna-se um meio pelo qual podemos conscientizar as pessoas sobre as relações sociais existentes no mundo, na sociedade, tornando-os cidadãos críticos.

Nessa perspectiva, usando a literatura como ferramenta, vamos moldando os discursos, através das obras literárias que vão confrontar os princípios que regem a sociedade, formando uma visão crítica, para ir além dos padrões tradicionais do ensino, exercendo assim a verdadeira função da escola, que é formar cidadãos. Daí surge a importância de discutir e trabalhar as obras afro-brasileiras, pois é por meio da literatura que o autor cria e recria valores e fatos, que vão formando uma nova visão para a sociedade.

A representação do negro na literatura brasileira surge através de grandes obras literárias, embora poucos autores brasileiros tenham abordado essa temática. Dentre eles, destaca-se Machado de Assis, que era neto de escravizados e fazia o tema surgir em pequenos detalhes, de forma dissimulada. Consideramos, ainda, que ele escreveu várias crônicas que são pouco conhecidas pelo público, usando pseudônimos. Podemos citar, como exemplo, a série de crônicas de “Bons Dias!”.

Além da questão da própria escravatura, muitas vezes a representação da mulher negra nas obras literárias está ligada à sedução, à beleza, ao corpo. Muitas vezes idealizadas por escritores brancos e pelo seu imaginário masculino. Essa temática começa a mudar quando surgem as escritoras negras, que produziram a literatura afro-brasileira.

Na busca dessa autorrepresentação e da construção de suas próprias identidades, essas mulheres negras juntaram-se em movimentos literários e começaram a expressar seu jeito poético, dores, lutas e anseios, em suas obras, tentando construir um novo perfil, mediante tudo o que foi apresentado ao longo desses anos pela literatura. As autoras buscavam trazer o resgate da história do negro no Brasil e começaram a se posicionar, não apenas contra o “branco”, mas também contra a matriz literária que as oprimiam.

Dentro desse panorama, trabalhamos a representação da infância na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, com o objetivo de analisar a representação da infância da criança negra na literatura afro-brasileira, através da personagem Ponciá, descrevendo desde a sua infância até a sua vida adulta, abordando sua identidade de mulher negra e trabalhando os conceitos de infância, a partir do século XVII. Desse modo, partimos da visão de autores como Ariés (1973), para tratar do conceito de infância, além de obras que abordam a história das mulheres negras através de uma visão deturbada, preconceituosa, ligada em sua maioria à escravidão, ao sexo, à sedução. Também abordamos o surgimento das obras mais recentes, de mulheres negras que se destacaram na literatura afro-brasileira.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa apresenta cunho qualitativo, por pautar-se na análise da personagem Ponciá Vicêncio, como figura representante da infância na literatura afro-brasileira. A ideia que embasa este trabalho é fruto da leitura e análise do romance escrito por Conceição Evaristo no ano de 2003. Percebe-se, nesse contexto, que o foco dessa pesquisa foi a representação da infância da criança negra, de modo que as autoras negras começaram a dar voz aos personagens negros e, dessa maneira, tornaram-se sujeitos literários de sua própria história.

As obras literárias escritas por mulheres em sua maioria eram invisibilizadas; a partir do século XIX, começaram a surgir os movimentos a inserção da classe na literatura, como também a emancipação social da mulher, requerendo o direito ao voto, a inserção na classe operária e a revolução sexual. A voz e a expressão da mulher começaram a surgir, junto à descoberta do prazer, da liberdade, dos direitos que afluíam o ego feminino, uma vez que o feminismo rompeu diversos paradigmas políticos e sociais.

O artigo “A representação feminina de Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo”, de Gabriela Lima Vieira (2010), ressalta a origem dos movimentos feministas a partir da década de 1960, pois, anteriormente, a maioria das mulheres não tivera direito à educação; as poucas que tiveram, frequentavam a escola até os 13 anos, onde obtinham conhecimentos básicos e, em seguida, casavam e serviam à rotina doméstica.

Assim, na obra de Conceição Evaristo, percebe-se a voz feminina narrando fatos do seu cotidiano, como relata Lima (2010). Podemos dizer que é um momento cultural e econômico que permite escutar as vozes de grupos minoritários. É a partir da voz negra e feminina de Conceição Evaristo que vamos discutir o conceito de infância, apresentado através da sua personagem Ponciá Vicêncio.

1 PONCIÁ VICÊNCIO E A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE AUTORIA FEMININA

Conceição Evaristo nasceu no estado de Minas Gerais, em dezembro no ano de 1946, em Belo Horizonte. Sua família não possuía uma condição financeira boa e ela teve uma infância pobre, junto aos nove irmãos. Sua mãe era lavadeira e, apesar de todas as dificuldades que a rodeava, Conceição cresceu tendo um gosto pela leitura e pela escrita. Quando jovem, entrou para o curso normal que concluiu em 1971, aos 25 anos. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e doutora em literatura comparada na Universidade Federal Fluminense. Hoje, é considerada uma das maiores escritoras do Brasil e do mundo.

Como citamos anteriormente, as autoras negras buscavam sua autorrepresentação na construção de sua identidade. Esta literatura afro-brasileira vem sendo destacada desde o século XXI, através de publicações como os Cadernos Negros: “A série vem se mantendo, desde de 1978, uma produção marcada predominantemente pelo protesto contra o racismo, tanto na prosa quanto na poesia.” (DUARTE, 2010, p. 2).

Conceição Evaristo em 1990, começou a fazer suas primeiras publicações e realizou a publicação de seis poemas nos Cadernos Negros, abordando a temática da identidade, da terra natal, da ancestralidade. Há exemplo do poema “Vozes-Mulheres”, que traz um pouco da coletividade de mulheres que são envolvidas no sofrimentos e suas vozes ecoam a partir do poema, envolvendo uma memória coletiva.

Diante desta perspectiva podemos discutir a inserção social do negro na literatura, escrita por ele mesmo, colocando o negro como sujeito, em vez de como objeto da produção poética, baseando-se, dessa maneira, no conceito de Proença Filho (1997), seria a literatura escrita pelo negro. Zilá Bernd (1987; 1988) compartilha com o posicionamento conciliador de Proença Filho. Seu livro *Introdução à Literatura Negra* analisa tanto o discurso do negro, quanto o sobre o negro. É a voz do indivíduo negro de encontro com a sociedade. Para Bernd, a voz individual que se identifica com a comunidade, com o “nós coletivo” (DUARTE, 2010, p. 4).

Os temas abordados nos textos de literatura afro-brasileira, de acordo com Octavio Ianni, citado por Duarte (2010), devem sempre apresentar não apenas o sujeito negro em si, mas o universo social e cultural pertencente ao seu povo e à sua história, além dos dramas vividos pelo preconceito e pela miséria.

A temática afro-brasileira abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o novo mundo, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito quase sempre á oralidade. (DUARTE, 2010, p. 9)

Contudo, existem autores negros que optam por outras temáticas: “No extremo oposto ao negrismo, existem autores que, apesar de afrodescendentes, não reivindicam para si tal condição, nem incluem em seu projeto literário, a exemplo de Marilene Felinto e tantos outros.” (DUARTE, 2010, p. 11). Já a autobiografia é bem decorrente na produção de textos literários afrodescendentes, a exemplo de Conceição Evaristo, autora da obra que vamos analisar.

Esses textos literários afro-brasileiros, foram escritos não com o intuito de atingir apenas aqueles que se enquadram e se veem através dos personagens presentes na obra, mas também, toda a comunidade, ou seja, a sociedade de modo geral.

O livro narra a busca da identidade negra, representada por diversos personagens que protagonizam os capítulos da obra. Ponciá mostra o seu amadurecimento precoce, uma criança que ajuda a mãe no trabalho com o barro e que sonha em aprender a ler, para ir morar na cidade, em busca de uma nova vida. Esta ida para a cidade é a tentativa de um recomeço, um pouco frustrada, afinal, ela não consegue se desprender das lembranças do passado.

É na transição de criança negra para mulher negra que ela consegue sair do povoado para enfrentar os perigos da cidade, mostrando sua evolução na construção de sua identidade. O desfecho da história mostra Ponciá retornando ao rio, lugar onde ela parava para buscar o barro e, muitas vezes, ficava se questionando sobre o porquê de se chamar assim. Retornar ao rio foi o que a completou, este desfecho consolida suas raízes, sua ligação com o rio, que começa na barriga da mãe onde ela chorou por três dias e depois nasceu gargalhando.

A mãe de Ponciá, dedicada ao afazeres da casa, ao cuidado com os filhos, além do trabalho com o barro, ela faz peças de barro para vender pelo povoado para ajudar na renda da família e mantém uma relação de pouca conversa com o marido, porém, sempre o que ela fala é acatado por todos. Quando Ponciá e seu irmão resolvem ir para a cidade, ela pensa em ir buscá-los, mas tem medo dos perigos da cidade, tentando encontrá-los por onde estava mesmo.

O pai de Ponciá é um homem que foi criado como escravizado, pois seu pai também era e, desde pequeno, vivia na Casa Grande, sempre atendendo aos mandados do senhorzinho. Ele o acompanhava em todas as atividades, inclusive até aprendeu a reconhecer algumas letras, mas quando o senhorzinho percebeu que ele estava quase lendo, parou de fazer essa

atividade, afinal, negro não podia aprender a ler. Sua relação com a esposa e os filhos era de pouca conversa; ele não gostava quando as pessoas diziam que Ponciá se parecia com seu avô, já que, quando adulto, o pai de Ponciá não tinha uma relação boa com o seu pai, pois o culpava por viver no povoado até depois de livre, sempre carregando lembranças do tempo de escravizado, inclusive até o sobrenome. Ele trabalhava na lavoura, até que um dia passou mal e morreu lá mesmo.

O avô de Ponciá era escravizado e, em um ato de loucura, matou a sua mulher e tentou se matar, porém foi impedido e ficou com o braço mutilado. Daí por diante vivia de migalhas: ninguém tinha afeição por escravizado, muito menos por alguém que cometeu tamanha atrocidade.

A Nêngua Kainda é uma rezadeira do povoado. Ela tem visões sobre a vida das pessoas, como uma anciã, e é considerada sabia por todos ali, que a procuram para pedir alguma orientação, escutando os conselhos e avisos que ela relata. O livro também traz o preconceito vivido pelo irmão de Ponciá que, ao chegar na cidade, fica encantado ao ver um soldado negro, afinal, ele nunca tinha visto. O rapaz ficou abismado ao saber que, na cidade, negro também mandava, pois durante toda a sua vida foi cercado pelas marcas da herança de ser filho e neto de escravizado.

É apresentada também, no livro, a figura de uma prostituta, pela qual o irmão de Ponciá se apaixona. Porém, este amor é interrompido pelo assassinato da moça, morta pelo cafetão. Outro personagem que também faz parte da história de Ponciá é o seu marido, que não é citado pelo nome, apenas chamado de “o homem”. Sempre agressivo, ele vive do trabalho para a casa e não entende o fato de sua mulher viver parada no tempo, olhando a paisagem da janela, todos os dias realizando sempre a mesma coisa; ele cada vez mais se irritava e a agredia fortemente.

O soldado Nestor é outra figura importante, que dá uma chance ao irmão de Ponciá, empregando-o na delegacia da cidade como faxineiro, além de oferecer uma oportunidade de ele estudar e se tornar um soldado.

2 A DESCOBERTA DA INFÂNCIA

2.1 A infância da burguesia e da criança negra a partir do século XVII

Phillipe Ariés, no quarto capítulo do seu livro “História Social da Criança e da família” (1973), relata como as crianças da burguesia se comportavam no século XVII, tomando como exemplo um Delfin de França, o futuro Luís XIII, pois naquela época todos recebiam o mesmo tratamento; não existia diferenças entre as crianças dos palácios reais ou dos castelos fidalgos. Naquela época, a música e a dança faziam parte da educação do menino; aos três anos de idade, ele já tinha interesse pela leitura; aos quatro começava a escrever e brincava com as carruagens e bonecas, pois não havia tantas restrições de gênero.

A partir dos 7 anos de idade, começavam as cobranças por parte dos adultos, pois o menino estava deixando de ser criança e teria que se comportar como um homem, não poderia continuar brincando de boneca, pois agora era um “menino grande”, estava na idade de começar a frequentar a escola, para aprender os novos costumes moralistas e as práticas pedagógicas da época. Alguns moralistas da época ignoravam os jogos e as brincadeiras, mas a sociedade estava adquirindo um novo sentimento de infância, até os adultos participavam das brincadeiras.

O outro sentimento de infância que surgiu relaciona-se à moral da criança, que inspirou a educação até o século XX. Nesse sentido, a infância não estava ligada às brincadeiras ou a distrações; a preocupação era a formação pessoal das crianças, para torná-las honradas. A visão moralista não enxergava a criança como um ser encantador, pois viam suas fragilidades e sabiam que ela precisava ser tanto preservada quanto disciplinada, com esse sentimento passando a ser adotado pela família. As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: “[...] alguns conselhos dados na hora certa, algumas demonstrações de ternura e amizade, feitas de tempos em tempos, comovem e as conquistam” (ARIÉS, 1973, p. 163).

No século XVIII, surgem os cuidados com a higiene e a saúde, pois um corpo malcuidado estaria vulnerável à preguiça e aos vícios. Tudo que estava relacionado à família tornou-se importante, como afirma Ariés (1973, p. 164): “Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência, eram dignas de preocupação, a criança havia assumido um lugar dentro da família”.

2.2. A INFÂNCIA DA CRIANÇA NEGRA NO BRASIL

As primeiras imagens de crianças negras no século XIX são marcadas pela escravidão. O Brasil, como um país escravista, após o ano de 1850, segundo Jovino (2014), era composto por filhos, netos, bisnetos e tetranetos de escravizados, principalmente africanos.

[...] Nesse quadro, as crianças nascidas no Brasil morriam precocemente pela falha de cuidados mínimos: aqueles que conseguiam sobreviver ao primeiro ano de vida tinha pela frente os difíceis anos de da infância, sem cuidados da mãe, que logo após o parto retornava as rudes tarefas diárias. (FIGUEIREDO, 2010. p. 24.)

As crianças negras sempre acompanhavam as mães em seus trabalhos e, ao completarem 7 anos, eram entregues como escravos para os patrões. Aquelas que nasceram da relação entre a negra e seus “donos” eram chamadas de “animais”, não eram aceitas. A dissertação de Luciana Araújo Figueiredo (2010) traz apontamentos de Mary Del Priore (2007), que divide a infância em três fases: a primeira fase, que vai do nascimento até o fim da amamentação, a segunda, que inicia quando começam a trabalhar com os pais, e a terceira, aos catorze anos: “Etapa de aprendizado para os infantes, como a prática de pequenos trabalhos, ofícios u estudo de letras nas escolas régias” (FIGUEIREDO, 2010, p. 25). Ainda segundo Figueiredo:

[...] a instrução imposta ao negro pelo escravizador se fez por meios essencialmente violentos na medida em que aos olhos deste segmento, a criança negra era uma mercadoria, força do trabalho em potencial. (FIGUEIREDO, 2010, p. 26)

As mudanças começaram a surgir a partir de algumas leis, como a do Ventre Livre (1871), a primeira de abolicionista. Poderiam escolher entre ficar com o senhor do engenho até a maior idade, que na época era 21 anos, ou ser entregues a alguma instituição do governo. A maioria preferia ficar, ou seja, continuava prestando serviços para o senhor, gratuitamente.

Quando o indivíduo atingia a maioridade estava totalmente atrelado às dívidas adquiridas com os senhores por terem investido em seus cuidados. Para pagar essas dívidas, os libertos tinham que prestar serviços gratuitos para quitar as contas, o que voltava a ser uma situação de escravidão (SÍRIA & NAVES, 2014)

O discurso contra a escravidão crescia no Brasil, ganhando força na década de 1870; as novas leis foram surgindo e aos poucos a abolição acontecia. Mas para onde iriam essas crianças negras? Viveriam a vida toda sobre o teto dos senhores de engenho, morando nas vilas? Ou sendo marginalizados pelas crianças brancas que não as aceitavam? Esta população continuava sendo marginalizada pela pobreza, as crianças burguesas começavam a ir para a escola, ao contrário das crianças pobres, que eram levadas para trabalhar na lavoura, onde eram “adestradas”.

A formação do escravo ainda dependia dos proprietários. Fonseca (2002), citado por Figueiredo (2010, p. 28), afirma que a educação proposta pela elite branca tinha o interesse de manter o trabalho escravo até o último fôlego do sistema escravista. De acordo com os estudos de Florestam Fernandes (1988), também citados por Figueiredo (2010), os negros, após a abolição os escravizados, não conseguiam um trabalho, pois tinham os brancos como concorrentes; quando conseguiam, a mão de obra era muito barata. Os discursos de preconceito pós-abolição continuavam, o que distanciava o negro do trabalho e da escola.

O negro obteve a liberdade, mas, infelizmente, as marcas que carrega por ter sido escravizado são inúmeras. A elite social não aceitava que o negro frequentasse uma escola de brancos, que ele sentasse nos mesmos bancos; afinal, para eles, lugar de negro era na lavoura. Com o decorrer do tempo, foram surgindo algumas pesquisas sobre a história da criança negra. Os discursos anteriores, do negro como objeto, foram dando lugar a novos discursos: “[...] São pesquisas que procuram “ouvir” as vozes das minorias étnicas, sexuais e sociais, foco de preocupação dos intelectuais pós-modernos.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 33).

De acordo com Figueiredo (2010), no banco de Periódicos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior, existem várias produções científicas com este segmento, tanto antigas como atuais. Na temática de identidade étnica, destacamos o trabalho de Jaciara Reis da Silva, intitulado *Resistência negra e educação: limites e possibilidades no contexto de uma experiência escolar*, defendido em 1992, e *Educação Infantil pré-escolar: Um espaço de tempo para práticas anti-racistas*, por Leandra Jacinto Pereira Rocha, defendido em 2008 (FIGUEIREDO, 2010, p. 39-40). Os temas mais trabalhados, de acordo com Figueiredo (2010, p. 41) são: cultura negra, diversidade étnica, educação infantil, educação pública, identidade étnica, inclusão, literatura, mortalidade, desigualdades, negro na escola e relações raciais.

Por outro lado, os textos literários, a partir do século XIX, começavam a apresentar a criança negra, principalmente através de crônicas. Podemos citar Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Braz Cubas* (1881), através do personagem nhonhô.

[...] Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra cousa; fui dos mais maligno no tempo, indiscreto, traquina e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, então, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e não satisfeito da travessura, fui dizer a minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”, e eu tinha apenas 6 anos. (FIGUEIREDO, 2010, p. 54)

Outros autores também trazem esta temática, como José Lins do Rêgo, citado por Figueiredo (2010). Em sua obra **Menino de engenho** (1987), ele reproduz o trabalho na roça, os negros escravizados, focando também na figura de um menino chamado Carlinhos.

[...] A ausência de brinquedo no universo da criança negra neste período posterior ao fim do cativeiro no Brasil é ressaltada por José Lins do Rego (2004), na seguinte passagem: E eram mesmos abençoados por Deus, porque não morriam de fome e tinham sol, a lua, o rio, a chuva e as estrelas para brinquedos que não se quebravam. (FIGUEIREDO, 2010, p. 56)

Gilberto Freyre relata, em seu livro *Casa grande e senzala* (1993), a infância colonial e a relação da casa grande com a senzala. Já Graciliano Ramos, em *Infância* (1945), traz relatos pessoais da sua vivência com o povoado em que vivia no fim do século XIX “[...] De uma criança que cresceu oprimida, humilhada, fragilizada diante da crueza das relações humanas, cujo núcleo era a família, a escola e o meio que o cercava” (FIGUEIREDO, 2010, p. 60).

A partir da década de 1970, foram apresentados, através da literatura infantil e juvenil, outros textos que trabalhavam a valorização da criança negra. De acordo com os estudos de Figueiredo (2010), os escritores de literatura infantil serviam de poderosos nutrientes para o imaginário tanto na sociedade como na escola, colaborando de forma sutil para a sua propagação. Por outro lado, a literatura, como objeto, traria novas reflexões.

A partir dos textos literários do século XXI e dos trabalhos científicos aqui pesquisados, podemos constatar a nova maneira de representação da criança negra nos textos. Cria-se uma resistência sobre o preconceito e o racismo, provocando uma nova visão e um novo discurso contra os estereótipos lançados pela sociedade e relatados por algumas obras literárias.

3 A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM PONCIÁ VICÊNCIO

Na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), a representação da infância é realizada a partir de Ponciá, a protagonista. A narrativa redesenha a história da criança e confere uma identidade ressignificada, ou seja, negocia a representação da infância das crianças negras brasileiras. A história de Ponciá Vicêncio se passa na Vila Vicêncio, na casa em que viveu na sua infância e na beira do rio. Também aparecem na história seu avô Vicêncio, sua mãe Maria Vicêncio, seu irmão Luandi, o Soldado Nestor, Bilisia, a prostituta, Nêngua Kainda e o Negro Glimério. No primeiro capítulo do romance, fala-se da infância de Ponciá, sempre ligada aos afazeres de casa e do trabalho com o barro para ajudar a mãe na fabricação dos bonecos. Ponciá costumava brincar com as espigas de milho que se transformavam em bonecas, até que um dia seu pai cortou todo o milharal e acabou com o encanto da menina.

[...] Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-de-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. (EVARISTO, 2003, p. 13)

Ela não possuía brinquedos e se divertia com as coisas que tinha da natureza, semelhante ao menino de engenho de Lins do Rego, citado anteriormente. O segundo capítulo traz a figura do Vô Vicêncio, cujos choros e risos permaneciam na memória de Ponciá, que mesmo pequena recordava vários momentos vivenciados ao seu lado. Ele tinha um braço cortado, ao tentar se suicidar depois de ter matado sua esposa. Ao dar os primeiros passos, Ponciá carregava traços do avô e todos ficavam abismados. A ligação entre a identidade de Ponciá e a do seu avô é notável.

[...] Veio forçando a decida pelo colo da mãe e pondo-se de pé, começou as andanças. Surpresa maior pelo fato de a menina ter andando tão repentinamente, mas pelo modo. Andava com um dos braços escondido às costas e tinha a mãozinha fechada como se fosse cotó. Fazia quase um ano que o avô tinha morrido. Todos deram de perguntar por que ela andava assim. Quando o avô morreu, a menina era tão pequena! Como agora imitava o avô? (EVARISTO, 2003, p. 16)

Vô Vicêncio na condição de ex-escravo; Ponciá na condição de negra, filha e neta de negros, ambos vivendo suas histórias, intercalando-se entre si. Ela carregava a herança do avô, era o que se ouvia entre os adultos. Mas, de que se tratava essa herança? Estaria ligada ao

modo como ela se comportava, a maneira que andava; tinha o mesmo jeito do avô, muitas habilidades com as mãos.

[...] Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem com o barro. Um dia fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo, mas se conteve, como também conteve o grito. Passado uns dias, o pai veio da terra dos brancos trazendo mantimentos. A mãe andava com o coração aflito e indagador. O que havia com aquela menina. (EVARISTO, 2002, p. 20)

No terceiro capítulo, aparece o pai de Ponciá. Assim como o seu avô, ele também era escravo, viveu muitos anos submetido às ordens do coronelzinho: “[...] Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro” (EVARISTO, 2003, p. 17). Ele não entendia o porquê de continuar ali, mesmo depois de adulto e livre.

[...] Naquela noite teve mais ódio do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam á procura de outros lugares e trabalhos? Um dia perguntou isto, ao pai, com jeito, muito jeito. O braço cotoco do homem, ao bater, pesava como se fosse de ferro. (EVARISTO, 2003, p. 17)

No quarto capítulo, Ponciá aparece pensativa na janela. A janela era o único lugar que lhe fazia voltar à infância. Ela ficava parada olhando para o nada, retomando suas lembranças. Ela já estava casada, seu marido não entendia porque a mulher vivia tão parada no tempo. Ela buscava sempre sua identidade, trabalhava com a mãe fazendo bonecos de barro. Ao chegar na beira do rio, tentava se enxergar como em um espelho, mas não se encontrava.

[...] Ponciá gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes, se distraía tanto que até se esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro. (EVARISTO, 2003, p. 19)

O quinto capítulo mostra a relação conturbada entre a protagonista e o seu marido. As agressões continuavam, ela não tinha ânimo para nada, a casa sempre bagunçada. Ela pensava até em fazer alguma coisa, mas não conseguia: “[...] Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência” (EVARISTO, 2003, p. 25).

No sexto capítulo, as lembranças da infância afloraram ainda mais, Ponciá buscava entender o seu próprio nome, que carregava marcas de escravidão que toda sua família viveu. O nome Vicêncio, não a deixava satisfeita.

[...] O tempo passava a menina crescia e não se acostumava com seu próprio nome. Ponciá sabia que sobrenome dela tinha vindo do avô, o homem que ela havia copiado em sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos da terra e dos homens. (EVARISTO, 2003, p. 29)

No sétimo capítulo, surge a decisão da personagem principal de sair do povoado e partir em busca de uma nova vida, longe do trabalho com o barro, longe de tudo. Em seguida, ela chega à cidade, com 19 anos, dorme na Igreja e, logo pela manhã, indaga todas as senhoras que estavam saindo de lá se não queriam contratá-la como empregada doméstica, pois ela tinha o objetivo de juntar dinheiro e comprar uma casa para a mãe e seu irmão.

[...] Mal a dona saiu, ela lhe tocou o braço. Explicou-lhe que estava chegando à capital. Viera de trem. Aquele trem que passava voando no povoado de “Vila Vicêncio”. Estava a procura de um trabalho. A dona olhou para ela de cima a baixo. Disse não estar precisando, mas uma prima talvez tivesse. Escreveu em um pedacinho de papel o endereço e leu bem alto para Ponciá Vicêncio, pedindo para que ela fosse lá, ainda naquela manhã. (EVARISTO, 2002, p. 43)

Aos poucos, Ponciá foi aprendendo os afazeres da casa da cidade, anos depois ela soube que seu irmão também estaria na cidade. Depois de anos trabalhando na cidade e juntando dinheiro, ela voltou ao povoado e não percebeu tantas mudanças: os negros continuavam ali, tinham ganhado as terras; a casinha que ela morou era a mesma, com o fogão velho, o chão de barro, o cheiro do café que vinha de sua imaginação. Passou a noite assim, mergulhada no passado.

[...] A de pau-a-pique de Ponciá Vicêncio continuava e pé. O tempo de chuva começava e o mato verde, ameaçador crescia ao redor. Ela teve receio de cobra mais seguiu adiante. Empurrou a porta que abriu doce e lentamente, como se a casa estivesse também a aguardar por ela. O chão de barro continuava limpo, as vasilhas de barro que a mãe fazia estavam arrumadas na prateleira. (EVARISTO, 2003, p. 49)

Lembrou também dos sete filhos que tivera, mas que não sobreviveram por causa de um problema no sangue. Como passou alguns dias no povoado, visitou quase todos os

conhecidos e reencontrou a Nêngua Kainda, que era uma espécie de rezadeira. Ela falou que a jovem, apesar de não ter encontrado a mãe nem o irmão, não estava sozinha.

[...] Na manhã quase desperta, não muito longe dali, o choro de uma criança invadiu repentinamente os ouvidos de Ponciá. Lembrou-se dos sete filhos que tivera, todos mortos. Alguns viveram por um dia. Ela não sabia bem por que eles haviam morrido. [...] Os médicos disseram que eles morriam por causa de uma complicação no sangue. (EVARISTO, 2003, p. 53)

O marido de Ponciá a culpava por não terem filhos, ela não entendia, quis sempre ter uma família, mas nunca conseguiu. A ausência dessa maternidade aumenta ainda mais a tristeza da protagonista, que se fecha cada vez mais em seu mundo e a cada dia fala menos. Em seguida, o irmão da personagem chega à cidade, mas logo na primeira noite é preso por não estar com os documentos. Com o passar dos dias, o delegado dá a oportunidade para Luandi trabalhar como faxineiro na delegacia, indicando que se um dia ele estudasse, poderia ser um soldado.

[...] Ao limpar os últimos degraus da porta da delegacia, Luandi parou um pouco para permitir que o Soldado Nestor passasse. Luandi admirava o soldado Nestor. Aquele era ,para Luandi, maior que o escrivão, maior que o investigador, maior que Deus. Soldado Nestor, era negro. Negro e soldado. (EVARISTO, 2003, p. 68)

Luandi ficou encantado, afinal nunca tinha visto um soldado negro e, naquela cidade, negro também mandava. Ele estava acostumado com o que via no povoado, o negro sempre na lavoura, não tinha o que comer direito, o que vestir, que dirá aprender a ler e ser um soldado. Era um sonho que agora podia se tornar realidade.

Ponciá, ao voltar do povoado, parecia mais descontente, pois não encontrou a mãe, nem o irmão, não tinha motivos para fazer tantos sacrifícios. Seu irmão retornou ao povoado, na esperança de reencontrá-las. Viajou usando a farda emprestada do soldado Nestor, querendo mostrar o quanto era importante.

[...] De manhã Luandi José Vicêncio vestiu a farda surrada, que ele mesmo lavara e passara e, com o coração aos pulos, se encaminhou para a estação. As botinas pretas, que ele trouxera nos pés quando chegou a cidade , engraxadas brilhavam como se fossem novas. O calçado apertava os pés, mas ele empinava o corpo consertando o andar. Um soldado não manca, marcha. (EVARISTO, 2003, p. 79)

Luandi sentiu a necessidade de mostrar ao povoado que agora era ela soldado, mesmo que isso ainda não tivesse sido oficializado; gostaria de mostrar o quanto era importante. Era negro, mas negro na cidade também mandava. Por outro lado, Ponciá pensava como seria o reencontro com a mãe e o irmão, lembrando novamente dos filhos que não teve. Questionava-se: afinal, será que valeria ter colocado algum filho no mundo, mediante tudo o que ela passou em sua infância? Ela recordava o trabalho árduo da mãe com o barro, o trabalho do pai na lavoura; todos moravam numa casa de pau-a-pique, cresceram na pobreza, trabalhando nas terras dos senhores.

[...] Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar da miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para as casas das patroas. Umas sobras de roupa e de alimento para compensar o salário que não bastava. (EVARISTO, 2003, p. 82)

Talvez fosse melhor assim, do que ver os filhos passando por tudo que ela vivera na sua infância. Sua chegada à cidade se transformou em regressão, não em recomeço, diante desta realidade dura que ela enfrentou.

Na sua visita ao povoado, Luandi encontrou sua casa vazia. Observou tudo ao seu redor, o fogão, o coador, a caneca de barro. Questionava-se pelo paradeiro da sua mãe e da sua irmã. Passou alguns dias no povoado e reencontrou a Nêngua Kainda, que lhe falou que sua mãe estava viva e sua irmã estava na cidade.

[...] Luandi andava a passos largos pelo caminho de casa. Sentia um prazer intenso por ter os pés no chão. Andava agora do jeito dele, esquecendo-se do modo de Soldado Nestor andar. Sentia muito calor sob a roupa de falso soldado. Desejou, ardente de saudade, o rio onde a mãe e a irmã colhiam barro. (EVARISTO, 2003, p. 86)

Nêngua Kainda era uma espécie de rezadeira, curandeira que vivia há muitos anos no povoado, onde todos escutavam seus conselhos. Luandi voltou para a cidade com a mesma esperança de Ponciá, foi ver uma exposição de peças de barro com o soldado Nestor e reconheceu algumas peças da mãe e da irmã. Em seguida, reconheceu o nome das suas peças no bilhete que assinava a obra e não conteve a emoção, pois estava cada vez mais perto das duas.

[...] Em vez de tomar o rumo a zona de mulheres, passeio que faziam todo final de semana, encaminhou-se em direção ao clube. Só ela falou do que iriam fazer ali. E quando Luandi ouviu sobre a exposição de trabalhos de barro que iria ver, a saudade da mãe e da irmã que estava guardada em seu peito pulou inesperada e tão violenta, que os olhos dele se molharam, fazendo com que ele os limpasse desajeitado, com medo de que o amigo percebesse. (EVARISTO, 2003, p. 103)

Nas idas e vindas de Maria Vicêncio, ela soube, através da Nêngua Kainda, que sua filha e seu filho tinham passado pelo povoado. Ela sentiu vontade de encontrá-los, mas ouviu os conselhos da rezadeira, que mandou ela esperar, pois o tempo do reencontro ainda não tinha se cumprido: “[...] Maria Vicêncio, mais uma vez voltou a casa, grávida ainda de seus filhos, esperava o dia em que a mãe iria renascer.” (EVARISTO, 2003, p. 107).

Luandi estava prestes a ser soldado e a casar com a prostituta Bilisa, que ele tiraria da zona. Porém, o Negro Glimério, cafetão da jovem, estava insatisfeito com este romance e acabou matando-a. No povoado, Maria Vicêncio se preparava para ir à cidade, em busca dos filhos. Ela tinha medo da cidade, mas precisa encontrá-los. Ao chegar à cidade, com a ajuda do soldado Nestor, reencontrou Luandi na delegacia, que estava totalmente abalado pelo assassinato de Bilisa.

[...] Ao se aproximar do casarão, Luandi cruzou com o Negro Climério. O homem ao avistá-lo, abaixou a cabeça e apressou o passo como se quisesse correr. [...] Olhou para trás, Negro Climério já havia desaparecido. Devia ter corrido antes mesmo de dobrar a esquina. Luandi correu em direção oposta, alcançando a porta do casarão. Num segundo estava no quarto de Bilisa. E foi o momento exato, o tempo gasto para tomá-la nos braços e ver a sua Bilisa-estrela, toda ensanguentada, se apagando. (EVARISTO, 2003, p. 113)

A presença de sua mãe lhe trouxe um pouco de alívio. Em seguida, a papelada para ele se tornar soldado ficou pronta, oficializando-o como soldado de verdade e possibilitando-o comprar a tão sonhada casa para a mãe e para a irmã, que um dia apareceria.

Certo dia, Luandi foi trabalhar na estação e percebeu de longe uma mulher que ia e vinha fazendo círculos e chamou-a pelo nome de Ponciá, que logo atendeu sorrindo; ela desejava voltar ao rio, pois lá iria ter um reencontro com si mesma.

[...] O nome de Ponciá Vicêncio ecoou na estação como um apito do trem e ela nem prestou atenção alguma ao chamado. Andava, chorava e ria, dizendo que queria voltar ao rio. Luandi acercou-se carinhoso da irmã, dizendo-lhe que sabia o caminho do rio e que haveria de levá-la. Ponciá Vicêncio levantou os olhos para ele, mas não se podia dizer se ela o reconhecia ou não. (EVARISTO, 2003, p. 123)

Sua mãe, olhando para ela, percebeu o quanto estava bonita e lembrou do segredo que guardava sobre a filha. Ponciá, quando ainda estava na barriga, chorou por três dias e, quando passou quatro luas, nasceu gargalhando.

[...] O que fazer? Como aliviar o choro de um rebento ainda guardado, mas tão suplicante, que parecia conhecer as dores infindas do mundo? Caminhou intuitivamente para o rio e à medida que adentrava nas águas, a dor experimentada pela filha se fazia ouvir de uma maneira calma. Ponciá Vicêncio chorou três dias seguidos na barriga da mãe. Quatro luas depois, nasceu gargalhando um riso miúdo, mas profundo, de criança bem pequena. (EVARISTO, 2003, p. 125)

Luandi já não gostaria de permanecer como soldado. Ele entendeu naquele instante que o dever dele era ajudar a construir a história dos seus.

[...] Assim como antes acreditava que ser soldado era a única e melhor maneira de ser, tinha feito agora uma nova descoberta. Compreendera que sua ida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomaria corpo, só engrandeceria, se tornasse matéria argamassa de outras vidas. (EVARISTO, 2003, p. 127)

Ponciá caminhou em direção ao rio e mergulhou para se guardar para sempre em suas águas. Ela chorava, ria, rodava, tinha a mesma aparência do seu Vô Vicêncio; parecia que carregava a ancestralidade dele.

[...] Lá fora, no céu, cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não se perderia jamais, se guardaria nas águas do rio. (EVARISTO, 2003, p. 128).

3.1 Os conflitos da infância à vida adulta de Ponciá

Ponciá representa uma criança negra de família pobre, que morava na casa dos patrões, com o pai trabalhando na lavoura em troca de sua própria sobrevivência. Segundo os estudos de Michele Guedes Bredel de Castro (2007), citado por Figueiredo (2010), pode-se afirmar que a infância refere-se a um dado período da vida humana ligada ao crescimento e à construção de conhecimento envolvendo signos e sinais destinados à comunicação.

[...] A reflexão sobre tais conceitos permite dimensionar a forma como a sociedade exprimia, em diferentes épocas, suas aspirações e rejeições às

crianças. O fato é que, segundo Michele Castro (2007), as crianças participam coletivamente na sociedade e são dela sujeito ativos e não meramente passivos. (FIGUEIREDO, 2010, p. 24)

Quando criança, Ponciá gostava de ser menina, mas quando adulta, diante dos conflitos vivenciados com o pai, com o marido, percebeu que talvez fosse melhor ter passado debaixo do arco-íris e ter se transformado em menino.

[...] Ao ver a mulher tão alheia, teve desejos de trazê-la ao mundo á força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela lhe devolveu com o olhar de ódio. Pensou em sair dali ir ao lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. (EVARISTO, 2002, p. 20)

Seu trabalho com o barro, junto com a mãe, faz com que ela mostre suas habilidades herdadas do avô. O boneco de barro que foi desenhado e guardado para sempre, demonstra o quanto ela é ligada a ele. Embora não entendesse bem o que havia acontecido. Este trabalho com o barro era uma atividade realizada pela mãe, mas acompanhada também por Ponciá, o que reflete um pouco a relação entre mãe e filha no século XIX: os filhos de escravizados tinham que acompanhar a mãe nos seus afazeres. Segundo Mott (1975), citado por Figueiredo (2010):

[...] Do nascimento até os dois anos, geralmente a criança desfrutava do zelo e do aconchego da casa grande. Os moleques passavam o dia ao lado das crianças livres, seus futuros senhores, e brincavam durante todo o tempo em que a mãe trabalhava. Com o passar dos anos, os cuidados e carinhos para com as crianças escravas começavam a cessar e chega o momento crucial de aprender a ser escravo. (MOTT, 1975 apud. FIGUEIREDO, 2010, p. 25)

A figura masculina na vida de Ponciá está sempre ligada à dor, ao sofrimento. Primeiro, através do seu avô que era escravizado, que vivia sobre as ordens da família Vicêncio e que depois do atentado que provocou à sua mulher, teria que se alimentar dos restos das comidas, além de trabalhar como um animal.

[...] Armado com a mesma foice que lançara com a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco e rindo. Não morreu Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. (EVARISTO, 2003, p 51).

Seu pai, por outro lado, herdava, além do sobrenome, a escravidão do pai, sendo desde criança hostilizado pelo coronelzinho, tendo que fazer todas as suas vontades. Ele carregava uma grande mágoa do pai por ter assassinado sua mãe, além de culpá-lo por estar nesta situação de, mesmo depois de adulto e livre, ter que permanecer ali, nas terras dos senhores. Em alguns momentos, até chegou a desejar a morte do seu pai.

[...] Quando menino, ainda pequeno, tivera, talvez, medo, respeito, amor. Depois de tudo, pavor, ódio, vergonha, muita vergonha, quando o pai começou a rir e a chorar ao mesmo tempo, como também a dizer coisas não inteligíveis. À medida que o velho piorava, começou a desejar ardentemente que ele morresse. Chegou um dia até pensar em matá-lo. (EVARISTO, 2003, p. 22).

Ponciá guardava poucas lembranças do pai, pois ele passava a maior parte do tempo trabalhando na lavoura. Mas mesmo diante de toda a situação, do pai que se dedicava mais ao trabalho do que a família, da mãe que também tinha que cooperar com seu trabalho na renda da família, e do irmão que acompanhava o pai na labuta, ela ainda sonhava em ter um homem: “[...] O pai era forte, o irmão quase um homem quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher!” (EVARISTO, 2003, p. 27).

O terceiro homem que faz parte da vida de Ponciá é seu marido, que no livro é citado apenas como “o homem”. Desde o primeiro parágrafo que aparece, mostra ser um sujeito agressivo e pouco compreensível. Há todo momento que ele chegava do trabalho, encontrava Ponciá na janela, com o pensamento longe; ele a chamava, ela não respondia, até que ele indignado deu-lhe um soco nas costas e gritou por seu nome, mas ela não esboçava reação alguma. Esta cena se repetia durante vários encontros, até que um dia em que ele a agrediu com mais força, fazendo-a sangrar pelas narinas; foi quando ele se deu conta que poderia matá-la. Parou e concluiu que ela poderia estar doente.

[...] Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. Foi ao pote, buscou um caneco d’água e limpou arrependido e carinhosamente o rosto da mulher. (EVARISTO, 2003. p. 96).

Os vizinhos mandavam levá-la para um hospício, porém, depois do dia em que ele quase a matou, tornou-se um homem carinhoso, conseguindo enxergar todo o sofrimento que ela carregava nos olhos. Esta relação conturbada entre Ponciá e o marido o levou a pensar que, apesar de viverem juntos há tantos anos, eles não se conheciam, ambos eram sozinhos;

mantinham a relação sexual apenas para satisfazer desejos puramente carnis. Como é citado por Evaristo, não existiam laços entre eles, apenas desencontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a representação da infância em Ponciá Vicêncio é trazer à tona um novo discurso de uma autora negra que teve uma infância pobre para desconstruir discursos anteriores que apresentavam a mulher negra apenas com o intuito de mostrar seu corpo ou sua sedução.

Baseados na teoria de Ariés (1973) e na pesquisa de Figueiredo (2010), buscamos compreender o surgimento da infância e sua definição. Constatamos que existem inúmeras definições e interpretações que envolvem conceitos culturais e sociais sobre a representação da criança negra a partir do século XIX, quando surgem as suas primeiras imagens, marcadas pela escravidão. A personagem Ponciá é um reflexo dessa imagem, por ser neta e filha de escravizados. Mesmo criança, ela se atenta ao trabalho duro de manuseio com o barro, retratando assim a infância de tantas crianças negras, descendentes de escravizados que, a partir dos sete anos, eram entregues aos senhores para o trabalho. Por outro lado, a protagonista mostra a força da criança negra que não possuía brinquedos, nem frequentava escola, mas que aprende a ler na igreja e, a partir daí, tenta reescrever uma nova história na cidade.

Partindo das pesquisas realizadas por Figueiredo (2010), constatamos que este tema tem ganhado grande proporção. Estas pesquisas sobre a infância negra nos trazem novas reflexões e conclusões, criando em nós uma resistência ao racismo, ao preconceito muitas vezes reproduzido pela sociedade. Atrelamo-nos aos textos literários afro-brasileiros que foram escritos não com o intuito de atingir apenas aqueles que se enquadram e se veem através dos personagens da obra, mas também toda a comunidade, ou seja, a sociedade de modo geral.

Apesar das poucas pesquisas que falam sobre a historicidade da criança negra, busca-se cada vez mais, a partir da autoria das mulheres negras e da literatura afro-brasileira, a inserção social do negro na sociedade e na literatura, uma inserção escrita pelo negro como sujeito, em vez do negro como objeto da produção poética, baseando-se, dessa maneira, no conceito de Proença Filho (1997).

REFERÊNCIAS

- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- ASSIS, M. **Memórias póstumas de Braz Cubas**. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.
- BERNAD, Z. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1987.
- DUARTE, E. A. Por um conceito de literatura afro-brasileira. In: **Revista Terceira margem**. v. 14, n. 23. 2010. p. 113-138. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>>. Acesso em 12 out. 2018.
- EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Minas Gerais: Mazza, 2003.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.
- FREYRE, G. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Global, 1993.
- JACINTO, L. P. R. **Educação Infantil pré-escolar**: Um espaço de tempo para políticas anti-racistas. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade UNIRIO. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=118941>. Acesso em: 12 out. 2018.
- FIGUEIREDO, L. A. **A criança negra na literatura brasileira**: Uma leitura educativa. Dissertação (Mestrado em Educação) UFGD. Mato Grosso do Sul, 2010. Disponível < <https://tede.ufgd.edu.br/jspui/handle/tede/59> . Acesso em : 12 de out. 2018.
- JOVINO, I. Crianças negras na história: fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro. In: **Revista eletrônica de educação**. v. 9, n. 2. 2015. p. 189-225. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1167>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- LIMA, G. **A representação feminina de Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo**. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Ana-Gabriela-Lima-Vieira.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- MATHEUS, S. **Pesquisa revela o cotidiano de crianças negras no pós-abolição de escravos**. Blog Onda Negra. 2013. Disponível em: <<http://ondanegra.blogspot.com/2013/10/pesquisa-revela-o-cotidiano-da-infancia.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- PRIORE, M. D. (Org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.
- PROENÇA, D. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1997.

RAMOS, G. **Infância**. Belo Horizonte: José Olympio, 1945.

REGO, J. L. **Menino de engenho**. Belo Horizonte: José Olympio, 1945.

SÍRIA, A. NAVES, S. **O trabalho nas Minas e o prenuncio da abolição**. Blog da equipe do Museu Casa Padre Toledo. 2014. Disponível em: <<http://educativocasapadretoledo.blogspot.com/2014/10/o-trabalho-nas-minas-e-o-prenuncio-da.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.